



RESOLUÇÕES E RESPOSTAS

QUESTÃO 1: Respostas

- a) O Texto II, que foi extraído de um poema chamado “Castro Alves”, escrito por Narcisa Amália e publicado em *Nebulosas*, explicitando a fonte da referência intertextual usada por Narcisa.
- b) A Castro Alves. Em “Mocidade e morte”, a alma que adeja pelo infinito é a do próprio poeta. Assim, no poema “Castro Alves”, a troca do pronome *minha* pelo *sua* indica que a alma continua a ser a de Castro Alves, apesar da mudança do eu lírico.

QUESTÃO 2: Respostas:

- a) Sim, a narrativa aborda o problema da xenofobia, uma vez que demonstra uma grande antipatia das crianças locais em relação às crianças brasileiras, que eram alvo de riso e zombaria. A marginalização é confirmada tanto pela afirmação “o certo era que no estrangeiro os estranhos éramos nós”, quanto pela resolução de evitar transitar em companhia dos irmãos. O pretérito imperfeito - em frases como “outros meninos nos apontavam na rua, quando não nos seguiam falando coisas e dando risada” - manifesta o caráter habitual das atitudes hostis.
- b) Na tradicional divisão de papéis entre homens e mulheres na família, cuidar dos filhos é considerado responsabilidade da mulher. No trecho, o cuidado das crianças coube à mãe, que adquiriu para elas as roupas de inverno necessárias à viagem: “Antes da viagem, minha mãe tratara de comprar nossas roupas de inverno”.

QUESTÃO 3: Respostas

- a) Há no título uma inversão sintática, uma vez que a oração inicia com o objeto “o nosso amor” e não com o sujeito “a gente”, como é o mais usual. Ao iniciar a oração com o objeto, o enunciador dá mais destaque, mais ênfase, mais importância a ele. Além disso, pode-se afirmar que ao dar destaque a “o nosso amor” o enunciador aponta para um amor entre um enunciador e um interlocutor determinados, particularizando o amor de um certo casal, por oposição aos demais.
- b) O uso coloquial consiste em “entre você e eu”. A forma padrão, que seria “entre você e mim”, prejudicaria a rima entre o segundo e o quarto versos da estrofe: *morreu/eu*.

QUESTÃO 4: Respostas

- a) Pode ser citado um destes trechos: “[...] a intenção de gerir a tensão [...]” ou “[a intenção de] [...] esticar o elástico da físga até ao ponto certo [...]”.
- b) Considerando o contexto em que ocorre, é irônica esta passagem: “nunca tocou numa gota de álcool na vida”. Isso se deve à ressalva “a não ser que whisky conte”, pela qual se sugere que o personagem citado era adepto contumaz dessa bebida alcoólica. Desse modo, sendo ele um consumidor de uísque, a afirmação hiperbólica de que ele jamais tocara sequer em “uma gota de álcool” constitui uma ironia.

QUESTÃO 5: Respostas

- a) O substantivo **pacote** não foi empregado em seu sentido literal de embrulho, de objeto embalado, mas no sentido figurado, sinônimo de *conjunto de elementos agrupados em uma mesma categoria ou segundo características semelhantes*. Empregado no final do período e do parágrafo, o termo desempenha uma função anafórica na coesão textual, retomando e sintetizando em uma só palavra o fenômeno de divisão ou multiplicação em várias línguas a que está fadado o português europeu, destino do qual não escaparão as variedades africanas, de acordo com o enunciador. Em outros termos, a fragmentação da língua portuguesa deve atingir diferentes grupos de falantes espalhados pelo planeta, englobados, portanto, no *pacote* de transformações da língua.
- b) A locução conjuntiva *ainda que* estabelece que a oração destacada desempenhe um papel de *concessão* em relação à oração principal. Em outros termos, com essa relação de sentido, o enunciador reconhece que a semelhança entre os registros formais escritos da língua de brasileiros e portugueses pode dar a impressão de unidade, mas ressalta que essa aparência não impedirá o destino do idioma, a saber, sua divisão e multiplicação, tal como ocorreu em relação ao latim originário. Trata-se de um argumento de ressalva, em que o enunciador reconhece uma evidência contrária à sua tese (a aparente proximidade da língua falada aqui e em Portugal), mas a enfraquece (por meio da locução *ainda que*) para priorizar sua tese – a do destino cindido do idioma.

QUESTÃO 6: Respostas

- a) A expressão “fato singelo” sintetiza e antecipa uma ideia catafórica, que será exposta mais à frente, após a apresentação das credenciais biográficas e acadêmicas do pesquisador português: o que torna incompreensível a demora da publicação brasileira do trabalho de Fernando Venâncio é o fato de que o livro fornece “munição valiosa” para muitos falantes brasileiros que se sentem inferiorizados ante ataques xenófobos de portugueses que alegam ser deles a língua, pois a teriam criado – tese contra a qual o linguista português se levanta com argumentos histórico-linguísticos em sua obra. Nesse contexto, o adjetivo “singelo”, junto ao substantivo “fato”, significa *simples, trivial, fácil de ser compreendido*, haja vista que Fernando Venâncio desmonta com simplicidade a tese de que os portugueses teriam inventado nossa língua ao apresentar sua origem 6 séculos antes, na região que os romanos batizaram de Galécia (Gallaecia).
- b) Na expressão “infelizmente legião”, o advérbio destaca o ponto de vista do enunciador, que lamenta ser grande (= *legião*) a quantidade de falantes brasileiros que se sentem inferiorizados ante ataques xenófobos de portugueses em relação à língua. Se, por um lado, os estudos do linguista português invalidam a tese de que a língua portuguesa teria sido criada pelos portugueses, por outro, o advérbio demarca a posição do enunciador do texto, contrário a esse tipo de segregação linguística entre os falantes do idioma.

QUESTÃO 7: Respostas

- a) No trecho, Nísia Floresta afirma no “velho e novo mundo”, o debate em torno da condição feminina se expressa pelo “brado – emancipação da mulher”, metáfora de uma luta desenvolvida com força e decisão. Já no Brasil, o “império de Santa Cruz”, a autora afirma levantar uma “débil voz”, pois a principal demanda ainda é a educação das mulheres. A diferença revela estágios distintos do discurso: enquanto lá se fala em emancipação mais ampla, aqui a luta começa pelo acesso à educação.”
- b) No final do trecho, a autora nos apresenta a imagem da mulher dona de casa, “somente destinada a guardar os rebanhos, a preparar a comida” e mãe, encarregada de “dar à luz a sua posteridade”. A essa imagem, opõe à da mulher guerreira, batalhadora, forte e valente, representada pelas personagens aludidas: Débora, Semíramis e Judite. Ao longo da obra, a autora desenvolverá a defesa dessa mulher mais combativa e disposta a lutar pela igualdade em relação aos homens.

QUESTÃO 8: Respostas

- a) O cenário descrito na estrofe 4 constrói a imagem de um mundo em que “tudo se expande”, isto é, cresce, se desenvolve, evolui, “Às auras da liberdade”, isto é, sob a influência dos ventos da liberdade. Esse cenário contrasta com a “raça” mencionada na estrofe 7, que permanece submissa e incapaz de se erguer. A relação evidencia o argumento central do poema: se até a natureza se revolta e aspira à imensidade, por que o povo, submetido à escravidão e à opressão política, não reage.”
- b) Na estrofe 8, a enunciadora solicita a “Deus” (referido na estrofe anterior) que venha logo o dia em que, no Brasil, os ideais de liberdade sejam alcançados. O título do poema sugere que ainda está distante a realização desse sonho abolicionista e republicano. O poema de Narcisa se aproxima da tendência condoreira, que marcou, sobretudo, a terceira geração romântica brasileira. Essa aproximação ocorre em função da temática da liberdade e do tom eloquente com que a enunciadora se expressa, explicitado no uso de pontos de exclamação.

QUESTÃO 9: Respostas

- a) A narradora compara o ambiente escolar com o cortiço onde morava com a mãe. Na sala de aula onde estudava, o sol entrava “arrojado e luminoso”; ali, ela se encontrava com as “companheiras risonhas e turbulentas”; na escola, ela fazia “passeio obrigado” e “a convivência alegre de outras crianças, as correrias do recreio, o barulho, a vida, a luz!”. O cortiço, ao contrário, é descrito como um ambiente sombrio: a narradora se refere ao “ensombrado quarto” que ocupa; ali, ela não convivia com a alegria das companheiras, mas com “as brutalidades dos vizinhos imundos”. Sem o passeio do período escolar, ela revela: “Emagreci durante o tempo das férias”. Além disso, tonou-se “infática”, de que decorreu “o fastio, o sono e a doença”.
- b) A diferença entre as duas personagens está ligada ao fato de que Martha não era obrigada a desempenhar tarefas domésticas pesadas, para as quais não mostrava aptidão, “enquanto a Carolina trabalhava”, subjugada pelas “rebetinas da mãe”. No trecho, ambas são acometidas de doenças, mas enquanto em Martha, o mal se mostrará passageiro, porque ela logo retornaria à escola, em Carolina os sintomas se mostrariam mais permanentes, na medida em que ela continuaria sempre a trabalhar em casa. Carolina possui um traço típico da personagem naturalista, que é o determinismo mesológico, isto é, a influência do meio social sobre o comportamento e a personalidade da personagem: ela, “estupidificada pelo meio”, isto é, limitada em sua capacidade mental, não tinha consciência da própria condição.

QUESTÃO 10: Respostas

- a) No verso 1, o verbo *ir*, conjugado na terceira pessoa do plural, tem como sujeito oculto os navegantes portugueses. O episódio da história portuguesa aludido nesse verso é a expansão marítima, iniciada no século XV, durante a qual os portugueses erigiram um grande império, ocupando vastas porções da terra conhecida até então. A expressão “sem nome” corresponde aos acidentes geográficos e aos territórios antes da chegada dos portugueses. Já a expressão “mundo nomeado” corresponde a esses mesmos elementos, com nomes criados pelos portugueses durante o processo de colonização.
- b) As personificações presentes no texto são: “Encostas e praias surgiam” e “Uma por uma ao seu nome respondiam”. Ao atribuir vida e atitudes humanas a seres não humanos, o poema sugere a perspectiva dos colonizadores, para os quais as terras descobertas passavam a integrar o império por vontade própria, isto é, a partir da nomeação, perdiam a identidade anterior e adquiriam uma outra identidade, agora submetida ao domínio colonial português.